

## **Educação emocional no ensino infantil: uma perspectiva a partir do lúdico no teatro do oprimido de Augusto Boal**

Graciele Andrade<sup>1</sup>

Graciela Coelho de Andrade<sup>2</sup>

Ana Lúcia Leal<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho visou analisar as contribuições da dimensão lúdica encontrada no Teatro do Oprimido e no desenvolvimento da Educação Emocional, durante o ensino infantil. O embasamento teórico esteve ancorado em discussões a respeito da compreensão de lúdico encontrada na escola e da relação deste com as propostas para o teatro, consideradas por Augusto Boal. Realizamos discussões que valorizaram a formação sensível e emocional dos estudantes deste nível de ensino, as maneiras que o lúdico chegava até os alunos e como o teatro poderia ter contribuído na construção da autonomia e liberdade da criança. A pesquisa teve como objetivo principal, “compreender como o Lúdico no Teatro do Oprimido contribui para uma valorização da Educação Emocional”. A fundamentação teórica proporcionou uma leitura mais consciente e clara sobre a Ludicidade na Educação Infantil e, em especial, na formação plena e humana da criança e foi construída por meio de estudos de diversos autores, tais como: Boal (1980), Casassus (2009), Maluf (2008) e Schiller (2002). Tratou-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo. Ao término deste estudo podemos concluir que a abordagem sensível das interpretações do lúdico é um ponto de intersecção entre as situações da vida cotidiana e as emoções

---

1 Mestranda em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Integra *O Imaginário* - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE-CAA/CNPq). E-mail: [andradergraciele@yahoo.com.br](mailto:andradergraciele@yahoo.com.br)

2 Mestranda em Ensino das Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Coordenadora no Ensino Técnico Estadual de Pernambuco (ETE-PE). Integra o grupo Dispositivo Sala de Aula: cuidado de si, educação matemática e liquidez na pós-modernidade (UFPE-CAA/NFD) E-mail: [gracinhasud19@hotmail.com](mailto:gracinhasud19@hotmail.com)

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora Adjunta do Núcleo Formação Docente (NFD) e do Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências e Matemática (PPGECM/UFPE/ CAA). Coordenadora do Projeto de Pesquisa Formação Humana e Educação Emocional (UFPE/CAA). Diretora de Projetos do Instituto de Formação Humana-IFH. E-mail: [analealchaves@yahoo.com.br](mailto:analealchaves@yahoo.com.br)

que emanam dela, o que faz do lúdico um importante elemento ao conhecimento e autoregulação das emoções afloradas nas relações humanas, o que contribui de maneira ativa e significativa para o desenvolvimento da inteligência emocional.

**Palavras-chave:** Educação. Emoções. Teatro do Oprimido.

**Emotional education in child education:** a perspective from the lúdico in the theater of the oprimido de Augusto Boal

## **ABSTRACT**

This work aimed to analyze the contributions of the play dimension found in the Theater of the Oppressed and the development of Emotional Education during the infantile education. The theoretical basis was anchored in discussions about the understanding of playfulness found in the school and its relation with the proposals for the theater, considered by Augusto Boal. We held discussions that valued the sensitive and emotional formation of the students at this level of education, the ways that the playfulness came to the students and how the theater could have contributed to the construction of the autonomy and freedom of the child. The main objective of the research was to “understand how the Playful in the Theater of the Oppressed contributes to an appreciation of Emotional Education”. The theoretical basis provided a more conscious and clear reading about Ludicidade in Early Childhood Education and, especially, in the full and human formation of the child and was constructed through studies of several authors, such as: Boal (1980), Casassus (2009), Maluf (2008) and Schiller (2002). It was a research of bibliographic nature, of exploratory-descriptive nature. At the end of this study we can conclude that the sensitive approach of play interpretations is a point of intersection between the situations of everyday life and the emotions emanating from it, which makes the playful one an important element to the knowledge and self-regulation of emotions arising in human relations, which contributes in an active and meaningful way to the development of emotional intelligence.

**Keywords:** Education. Emotions. Theater of the Oppressed.

## **Educación emocional en la enseñanza infantil:** una perspectiva a partir del lúdico en el teatro del oprimido de Augusto Boal.

### **RESUMEN**

Este trabajo pretendía analizar las contribuciones de la dimensión lúdica encontrada en el Teatro del Oprimido y en el desarrollo de la Educación Emocional, durante la enseñanza infantil. El embasamiento teórico estuvo anclado en discusiones acerca de la comprensión de lúdico encontrada en la escuela y de la relación de éste con las propuestas para el teatro, consideradas por Augusto Boal. Realizamos discusiones que valoraron la formación sensible y emocional de los estudiantes de este nivel de enseñanza, las maneras que el lúdico llegaba hasta los alumnos y cómo el teatro pudo haber contribuido en la construcción de la autonomía y libertad del niño. La investigación tuvo como objetivo principal, “comprender cómo el Lúdico en el Teatro del Oprimido contribuye a una valorización de la Educación Emocional”. La fundamentación teórica proporcionó una lectura más consciente y clara sobre la Ludicidad en la Educación Infantil y, en especial, en la formación plena y humana del niño y fue construida a través de estudios de diversos autores, tales como: Boal (1980), Casassus (2009) , Maluf (2008) y Schiller (2002). Se trató de una investigación de naturaleza bibliográfica, de carácter exploratorio-descriptivo. Al término de este estudio podemos concluir que el abordaje sensible de las interpretaciones del lúdico es un punto de intersección entre las situaciones de la vida cotidiana y las emociones que emanan de ella, lo que hace del lúdico un importante elemento al conocimiento y autoregulación de las emociones afloradas en las relaciones humanas , lo que contribuye de manera activa y significativa al desarrollo de la inteligencia emocional.

**Palabras clave:** Educación. Las emociones. Teatro del Oprimido.

### **Introdução**

A modernidade, em sua objetividade dicotômica, nos deixou como herança a cultura de valorização do racional e do subjulgamento de nossa essência sensível. Esta última é considerada característica inerente ao estado humano, pois alimenta as pulsões e emoções que circundam o cotidiano nas diversas formas de nos relacionarmos com o outro. Para Casassus (2009, p. 87) as emoções são “[...] estados, expe-

riências ou vivências muito diferentes, como raiva, a alegria, a inveja, o ciúme, a admiração, a nostalgia e o êxtase, entre tantas outras [...]”.

A escola, enquanto espaço heterogêneo apresenta uma riqueza de modos de ser e estar, o que lhe confere um leque de emoções, tanto positivas quanto negativas. Esta compreensão implica em um olhar mais sensível à rotina escolar e o que à sociedade tem esperado de retorno dos alunos após passarem pela escola. A rotina escolar do século XXI ainda apresenta traços que carregam o modelo educacional que vigorou há dois séculos, e que Casassus (2009) define como uma educação antiemocional, cercada por pensamentos lógicos e que desconsidera a emoção. E assim, cada vez mais, consolida uma racionalidade muito valorizada nas ciências exatas, mas que acaba sendo um tropeço para a formação humana, devido a sua percepção funcional e mensurável de um mundo que não condiz com o estado humano (ARAUJO, 2009).

Assim, este estudo, de título *“Educação Emocional no ensino infantil: uma perspectiva a partir do Lúdico no Teatro do Oprimido de Augusto Boal.”*, reflete sobre algumas características do Teatro do Oprimido para compreender a importância da Educação Emocional nas escolas. Ambos foram negados pelo modelo de mundo científico positivista e por onde se alimentaram diversos fatores que têm influenciado a reprodução e permanência desse aspecto retrógrado de ver a educação e as emoções na sala de aula.

As questões de currículo, as políticas e os discursos de poder, a visão dicotômica do pensamento ocidental e até mesmo a herança da colonialidade, entre outros não citados, são fatores que influenciaram e aparecem em nosso cotidiano. Estes aparecem acompanhados da visão de educação racional que outros e outras, assim como nós, vêm buscando (des) construir. Os estudos que consideram as teorias pós-coloniais e pós-estruturais começam a se multiplicar, devido à demanda social que traz a necessidade de refletirmos sobre a compreensão do processo educativo a partir das relações de poder e dominação, e das subjetividades que constituem o ser humano.

O reconhecimento e cuidado com a Emoção nos faz pensar uma linha de educação que se aproxime da proposta pelo termo *educere*, aquele onde o processo é dinâmico e horizontal, onde as partes participam mutuamente ao deixarem emergir de dentro do ser, o sentir e o intuitivo. Considerar as emoções no processo educacional é fazer brotar

uma formação humana, que não se preocupa apenas com números e notas, mas que coloca a figura humana em toda a sua importância e sensibilidade no centro da discussão.

Neste sentido, passa-se a esperar da escola não um relacionamento mecânico, mas uma proposta que cultive o autoconhecimento por meio da regulação das emoções à medida que se pensa na formação plena do ser. Para Casassus (2009, p. 151), “[...] se quisermos desenvolver a capacidade de regular nossas emoções e utilizá-las de maneira positiva, devemos saber o que estamos sentindo e quais são as emoções presentes, caso contrário, estas estarão no inconsciente e nada poderá ser regulado [...]”. Assim, o ato de educar e aprender vai além dos conhecimentos curriculares impostos, começa na aprendizagem significativa e busca a valorização de saberes carregados e construídos ao sentir a vida, enquanto pessoa, e na coletividade.

Assim, este artigo assume como problemática central a seguinte pergunta: Como o Lúdico no Teatro do Oprimido contribui para uma valorização da Educação Emocional? Para buscar responder tal pergunta, elegemos os seguintes objetivos específicos: 1. Dimensionar o lúdico na Educação infantil; 2. Refletir sobre Educação Emocional na dimensão da escola contemporânea e 3. Analisar como o Teatro do Oprimido apresenta e trabalha as emoções.

A reflexão acerca das categorias temáticas: Educação Emocional, Lúdico e Teatro do Oprimido se justificam ao observarmos a vida coletiva e nos depararmos com comportamentos de estranhamento do outro, e até de si mesmo, o que faz emergir a necessidade de abordar e contribuir para a construção de caminhos que apontem para uma visão de educação libertadora. Infelizmente, a ideia de educação vigente ainda apresenta-se associada a números e deixa de fora a dimensão sensível da natureza humana e as diferentes emoções diárias, nos diversos aspectos de relacionamento com outro.

Neste sentido, pensar na educação estética como um modo de alcançar a sensibilidade necessária para conhecer os sentimentos e educá-los, é uma discussão relevante frente ao cenário positivista educativo ainda presente em nossa sociedade. Assim, acreditamos que tal discussão é capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais reflexiva, sensível e crítica, que conheça suas emoções e as use de modo a buscar o equilíbrio com a razão, tanto na esfera educativa, como também em outros horizontes da vida em sociedade.

Quanto à metodologia, a pesquisa realizada teve como método condutor o histórico-dialético e assumiu a feição de uma pesquisa bibliográfica, instrumentalizada a partir de estudo exploratório-descritivo, no que tange ao aprofundamento em relação ao objeto de pesquisa eleito. Sendo assim, foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica a respeito das interpretações do Lúdico na educação infantil, da Educação Emocional. Ao fazermos o recorte quanto à vasta dimensão temática da ludicidade, acolhemos como sujeito de nossa pesquisa o Teatro do Oprimido em virtude de sua potencialidade educativa emancipatória. Assim, nossa pesquisa assume eminentemente, uma abordagem qualitativa quanto aos resultados visados.

### **As noções de lúdico na educação infantil.**

Na discussão entre as relações humanas e as diversas emoções que circundam o ambiente escolar, o lúdico tem lugar importante na Educação Estética e Emocional, uma vez que trabalha referências abstratas a partir do sentir e estabelece a ligação do mundo imaginário com o real por experiências sensíveis e prazerosas. Tal característica do Lúdico lhe proporciona potencial educativo, uma vez que “[...] o saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando.” (FERNANDEZ, 1990, p. 165).

A respeito da valorização do lúdico, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) defende que “as crianças podem incorporar em suas brincadeiras conhecimentos que foram construindo” (BRASIL, 1998, p. 58), e completa ainda que os brinquedos sejam:

Componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição. Constituem-se em poderosos auxiliares da aprendizagem. Sua presença desponta como um dos indicadores importantes para a definição de práticas educativas de qualidade em instituição de educação infantil (idem, p. 67).

Os jogos sempre estiveram relacionados com a educação, principalmente das crianças. Com o surgimento e o crescimento do cristianismo estes foram extintos pelo julgamento moral a eles atribuído de profanos e por terem sido considerados também sem significação. Hoje,

o processo lúdico está presente na educação das crianças, e pensar em fazer deste um instrumento atuante no processo de educar esteticamente a criança é um sentimento novo a ser despertado.

De acordo com Jean-Jacques Rousseau a criança aprende quando, de maneira ativa, interliga seu próprio modo de ver, com seu modo de sentir e pensar, o que faz da prática por experiências a melhor metodologia a ser utilizada, uma vez que ele defende que a criança só aprenderá a pensar se exercitar seus sentidos, e o jogo é uma dessas experiências (ROUSSEAU, 1999).

Observa-se, atualmente, que por vezes o lúdico vem sendo compreendido no processo educativo como um momento reservado para as crianças esgotarem suas energias, se acalmarem e, assim, poderem se encaixar dentro do espaço organizado para o momento da “educação e aprendizagem”, o que na visão racional de educação não teria espaço, já que não inclui a dimensão sensível e emotiva do ser humano no ato de educar e aprender. Esta visão restringe a educação às atividades relacionadas aos conhecimentos trazidos pelo currículo.

Logo, ainda na ótica de alguns professores, o lúdico restringe-se ao entretenimento e não instrumento de potência dentro do processo educativo. Contudo, segundo Piaget (1976, p.44),

[...] as atividades lúdicas atingem um caráter educativo, tanto na formação psicomotora, como também na formação da personalidade das crianças. Assim, valores morais como honestidade, fidelidade, perseverança, hombridade, respeito ao social e aos outros são adquiridos.

Observamos no Referencial curricular nacional para a Educação Infantil que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. [...] A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro. (BRASIL, 1998, p. 22).

Tal compreensão emerge da consciência que se tem sobre a categoria da inteligência simbólica das crianças, que acontece por volta dos dois anos de idade. Desenvolvida por Piaget em seus estudos sobre os estágios mentais das crianças, nessa categoria a criança transforma o irreal em real, por meio da imitação da ficção e da imaginação. Por meio do faz de conta ela é capaz tanto de fugir de problemas da realidade que não consegue resolver, quanto de sentir prazer quando, pela ficção, soluciona conflitos que não são satisfatórios e compensadores (PIAGET, 1978).

O ser humano é formado por prazeres, prazeres relacionados ao seu estado psicológico formado pelo sentimento de liberdade, o qual é para o homem não fazer aquilo que lhe é repugnável ou desconfortante, estando além de realizar tudo que deseja. Está na sensibilidade do não fazer e não aceitar imposições definitivas, que não podem ser repensadas. O que é aceito ou não pelo ser humano é construído tendo por base a dualidade entre o bem e mal. O belo está associado ao bem e seus julgamentos podem ser constantemente remodelados de acordo com as perspectivas de mundo de cada pessoa e de como se reconhece dentro dele. O que

[...] sempre que contempla um objeto belo, o homem está ao mesmo tempo projetando simbolicamente sua própria liberdade nesse objeto. No juízo estético, a razão empresta a sua autonomia ao mundo do sensível e é por isso que se pode afirmar que o belo é “liberdade no fenômeno”. (SUZUKI, 2017 apud SCHILLER, 2017, p.15).

O professor, ao fazer uso da ludicidade e de suas diversas possibilidades educacionais, permite que seu aluno sensibilize seu olhar estético a partir de novas experiências, as quais contribuem diretamente para a construção de uma visão de mundo muito mais potencializada e reflexiva, que relaciona o passado com as diversas realidades da vida. Deste modo, compreende que quando valoriza as particularidades de cada ser humano acaba por conhecer melhor a sua própria intimidade e emoções. Quando o homem não percebe e não sente sua liberdade, não vê prazer na vida, se sente menor dentro do mundo e não consegue se relacionar de maneira sensível e pacífica dentro deste.

Através do belo, o homem é como que recriado em todas as suas potencialidades e recupera sua liberdade tanto em face das determinações do sentido

quanto em face das determinações da razão. Pode-se afirmar, então, que essa “disposição lúdica” suscitada pelo belo é um estado de liberdade para o homem. (SUZUKI, 2017 apud SCHILLER, 2017, p.14).

Para Schiller (2017), o lúdico é o único impulso com potencial para dar convergência às leis naturais e morais por meio da união de suas coerções materiais e espirituais. O lúdico, para ele, também é um instrumento que permite ao homem alcançar, por meio da sensibilidade, a sua dignidade, desde que a sensibilidade seja trabalhada por meio da educação estética, através da manifestação do belo. Para Maluf (2003, p. 21), “Toda criança que brinca tem uma infância feliz, além de tornar-se um adulto muito mais equilibrado física e emocionalmente, conseguirá superar com mais facilidade os problemas que possam surgir no seu dia a dia”.

Há a necessidade de se incorporar, na educação das crianças de hoje, sentidos, sonhos, expressão própria e criação, que é justamente o que se constrói com a arte, seja como artista ou espectador. Não é possível que a audição de uma música, a leitura de um romance ou de uma história qualquer não cause um minuto sequer de contemplação, de pensamento profundo, pois instiga os sentidos, a imaginação e os desejos e causa inquietação. Mulheres e homens somos os únicos seres que social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo muito mais rico que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p.69).

Neste sentido, a criança tem no jogo a oportunidade de viver momentos de socialização e os alunos podem ser instigados para uma consciência crítica que lhes permitam participar do mundo de maneira ativa e humana, buscando em problemas do passado sugestões para modificar o que for preciso no presente e no futuro, tornando o mundo mais justo ao adotar uma postura mais madura. Dias (1999, p.178) considera que “[...] o caminho da maturidade parece afastá-los do ser poético – precisam ser sensibilizados para que possam resgatar em si, o ser da poesia, o olhar sensível, a expressividade, o potencial criador.”

Com base nestes pressupostos, observamos que o lúdico tem potencial de trabalhar as emoções que emergem no convívio social, uma vez que este é cercado de heterogeneidades que nem sempre são compreendidas e, assim, acabam por impulsionar alterações e desencontros. Este fenômeno é característico do ambiente escolar atual, o qual tem se demonstrado nos mesmos moldes de uma sociedade que teve cultura e comportamento diferentes das de hoje, como no momento em que as escolas apresentavam-se em uma homogeneidade aparente. Tais desencontros, vistos por um olhar mais sensível, apontam para a necessidade de reconhecermos a dimensão emocional dentro do processo educativo e do espaço escolar e será sobre ela que trataremos a seguir.

### **A educação emocional na dimensão da escola contemporânea.**

Por mais que se tenha discutido sobre os reflexos negativos de uma escola tradicional tecnicista e depositária de conteúdo, seus efeitos não são alcançados por todos aqueles que fazem a educação. Um modelo de ensino que exalta apenas o racional e o comprometimento em trabalhar com conteúdos que formam um currículo hegemônico e de difícil aproximação com a vida real, onde não se consegue ver significado naquilo que se estuda na escola com o que se vive fora dela, é, no mínimo, preocupante.

As escolas que cada vez mais se preparam e valorizam nos profissionais uma educação voltada para o sucesso em avaliações externas têm cada vez mais esquecido que suas crianças não são máquinas, mas seres humanos, sensíveis, e que precisam investir também no desenvolvimento social dentro do espaço coletivo. Uma sociedade onde seus participantes passam pelo mundo de maneira anestésica, focados na supervalorização do capital em detrimento da humanização dos indivíduos, é uma sociedade em desequilíbrio e que perde de aprender com o sentir-se no mundo, apenas possível quando se faz parte ativamente do que ele nos proporciona.

É esta visão de escola e de educação que acaba por extinguir a necessidade primeira do homem, que é conhecer a si mesmo, para então poder compreender a essência das coisas o modo como elas são percebidas no mundo. Tal necessidade intrínseca ao humano nos leva a considerar como sentido primordial, no processo educativo, a visibilidade

de da dimensão emocional, sob a qual todo conhecimento está conjugado.

Esse processo educativo deve, ainda, visar à formação do cidadão participante, crítico, responsável e comprometido com a mudança daquelas práticas e condições da sociedade que violam ou negam os direitos humanos. Mais ainda, deve visar à formação de personalidades autônomas, intelectual e afetivamente, sujeitos de deveres e de direitos, capazes de julgar, escolher, tomar decisões, serem responsáveis e prontos para exigir que não apenas seus direitos, mas também os direitos dos outros sejam respeitados e cumpridos. (BENEVIDES, 2000, p.8).

Nesse contexto, é violento pensar uma forma de educação na qual as crianças são expostas ao ensino focado em obter êxito em avaliações externas, sem se preocupar em como o conhecimento pode ser significativo para a criança e em como o prazer pode estar envolvido na construção deste conhecimento. Como aponta Lara (2010, p. 206), “parece-me que aí está a sabedoria, que é sabor da vida, que é, portanto, a felicidade à altura das possibilidades do ser humano”. Assim, pensar, valorizar e trabalhar com foco na necessidade da criança de viver o mundo através da percepção dos sentidos deve ser o objetivo central dentro do espaço escolar em uma visão contemporânea de educação e de sociedade.

Ao pensar em uma formação mais sensível, a dimensão emocional torna-se uma chave que liberta os estudantes da cultura de desencontros e conflitos. Precisamos compreender que as emoções emergem de impulsos e que estes podem ser na esfera micro, como um cheiro ou uma lembrança ou algo do tipo, ou em uma dimensão macro, como um desentendimento, uma situação de estresse no cotidiano. As respostas que tais impulsos ocasionam são inesperadas e provocam um comportamento também inesperado, logo, falar de emoção é falar do combustível que nos leva a ações, as quais podem ser positivas e trazer equilíbrio ao espírito e as relações sociais ou negativas, trazendo desconforto e conflitos. Assim, de acordo com Alzina, Gonzáles e Navarro (2015), os conflitos e as emoções são inter-relacionados, sendo o grau de importância do conflito que dita a intensidade das emoções.

Partindo da ideia de Saviani (1997), que defende o fato da educação estar diretamente ligada ao contexto histórico em que ela se de-

envolve e ao grupo social que a organiza, observamos que, com base na sociedade individualista e egocêntrica que vivemos, não há como esta se preocupar com a invisibilidade das sensibilidades do outro, da relação pautada na empatia, no interesse pela educação e na regulação das emoções, a qual está relacionada à capacidade de analisar as emoções de maneira que se evitem comportamentos impulsivos (ALZINA; GONZÁLEZ; NAVARRO, 2015).

Desta forma, o ato de educar está repleto de emoções e estas devem ser conhecidas e trabalhadas, pois, assim com em qualquer relação, quando convivemos com pessoas que pensam diferente de nós estamos sujeitos a entrar em conflitos, tanto em esfera micro como em macro. Esta, devido a sua heterogeneidade, exige o sentimento de confiança e respeito no espaço escolar, deixando aparecer à originalidade de cada ser nas relações (CASASSUS, 2009). Portanto, de acordo com Casassus (2009), o sentimento de segurança e confiança despertado nos alunos permite que estes participem quando em sala de aula, uma vez que podem ser quem são quando não há o sentimento de medo no processo que estão envolvidos. O autor traz ainda que o processo de formação como um sistema de relações organizado e que se fundamenta na aprendizagem, a qual está a cargo das emoções. Esta visão contribui para compreender a necessidade da ética e da moral não por uma imposição, mas sim por um fluxo de vida pautado na empatia que não se alcança apenas com a racionalidade e inteligibilidade do ser, mas sim a partir do controle do impulso de suas emoções.

E assim caminha para o que Morin (2000) considera por uma educação do futuro, aquela que impulsiona a refletir sobre o destino do humano em seus múltiplos aspectos de maneira entrelaçada e inseparável, referente às dimensões sociais, individuais, históricas e até mesmo o próprio destino da espécie humana.

O artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), Lei no. 9.394/96 considera que "A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho." e é por seu aspecto afetivo, moral, ético, político e humanizado que por definição a escola acaba por contribuir para o desenvolvimento humano e para a uma formação em direitos humanos, onde a cidadania é exercida a partir do conhecimento de seus direitos e

deveres. Logo, todo discurso a respeito da garantia de direitos assume um aspecto educativo.

O sistema capitalista, sob o qual o mundo vem sendo regido, nos faz levar um modelo de vida onde, “corremos” muito e não nos permitimos viver os momentos e dispor o tempo necessário para conhecermos nossas emoções. Não percebemos as experiências estéticas que o cotidiano pode oferecer. Tais experiências provocam reações e impactos sobre um indivíduo, as quais podem contribuir para o processo de construção de nossa própria identidade, que deve estar bem definida para que possamos compreender a sociedade contemporânea a qual estamos inseridos.

[...] as técnicas pedagógicas devem se orientar no sentido de uma geral recuperação da capacidade de sentir e de pensar. Isto implica uma prática pedagógica capaz de penetrar pelos sentidos, e que, portanto, deve espelhar a capacidade de tocar os sentidos nas dimensões do ver (uso do filme, da imagem, da foto na prática pedagógica), do fazer (vivenciar situações em que se imagina o protagonista ou a vítima da história), do falar (interação que aproxima a importância de sua opinião), do ouvir (palavras, músicas, sons, ruídos, efeitos sonoros que repercutem na ênfase de uma informação, de uma análise, de um momento, de uma situação). (SILVEIRA 2007, p.323).

A Educação Emocional surge no espaço escolar como uma ferramenta capaz de transformar o comportamento, onde o sujeito aprende a regular suas emoções através de competências que se desenvolvem por meio de formação prática, treinamento, dedicação de tempo e, principalmente, da vontade de fazer. Alzina, González e Navarro (2015), ao tratarem das estratégias de regulação emocional na solução de problemas seguem etapas, como a tomada de consciência das próprias emoções e a distinção entre regulação e repressão.

Na primeira etapa se pretende que o sujeito reconheça as diferentes emoções que ele desenvolve de acordo com as situações que se envolve no convívio social, distinguindo as que são positivas e as que acabam sendo negativas para si e para outros. Já na segunda etapa, o sujeito, ao ter conhecimento de suas emoções, busca estratégias para regular o seu aparecimento de acordo com uma situação, ou até mesmo realizar a troca de emoções, tentando ajustar a emoção que lhe for mais

conveniente no momento, porém, a repressão das emoções não lhe permite realizar trocas, apenas se reprime qualquer emoção que se possa ter, não levando em consideração que as emoções positivas propõem mais benefícios a uma situação, do que ficar inerte a elas.

Casassus (2009, p. 134) salienta que “[...] a Educação Emocional, diferentemente do enfoque da inteligência emocional, não é apenas um caminho de aquisição de habilidades, mas uma educação de integração em que o professor e o aprendiz são a mesma pessoa”. Ao pensar na educação contemporânea, concordamos com Santos (2000), ao afirmar como insatisfatório o processo educativo fundamentado apenas na dimensão cognitiva e apontar a pouca capacidade que se tem de administrar o lado emocional e social dentro das relações. Continuando ele propõe a inclusão de um paradigma emocional focado no sujeito de suas emoções e subjetividades. Já Cassassus (2009) vai enfatizar que o professor deve tanto dominar os conteúdos de sua disciplina, quanto identificar e trabalhar os interesses e sentimentos que estão envolvidos nesse processo.

Através da educação emocional é possível viver de maneira mais equilibrada e integrada ao mundo e o controle das emoções contribui à união entre nossa natureza sensível e racional. É para alcançar essa unidade que o lúdico encontrado no teatro entra como um método educacional mais humanizado, versátil e que permite ao ser humano a experiência do aprender pelo sentir.

A partir de tais reflexões, vemos a Educação Emocional como um caminho que permite o autoconhecimento que, por sua vez, conduz a uma educação que reconheça as subjetividades de cada sujeito e as emoções que estes vivem no seu dia-a-dia, permitindo que vivam de maneira melhor, contemplando as potencialidades que possuem e abrindo um leque de modos de ser e estar dentro das relações. Desta forma seria possível romper com uma visão fechada e concluída intuída em nós pela cultura racional da modernidade. As reflexões sobre o que fazer e como se comportar, aproximam-se de uma ação voltada ao diálogo e para um sentimento de empatia, fundamentais para o coletivo. Tais princípios se aproximam de uma prática educativa que se fundamenta em objetivos emancipatórios e significativos, os quais estão relacionados à dimensão educativa proposta na intervenção lúdica, a qual se encontra na proposta inovadora que Augusto Boal (1980) consolida com o Teatro do Oprimido.

## O teatro do oprimido enquanto dimensão educativa

Optar pelo Teatro, como momento Lúdico a ser trabalhado na Educação Infantil, é acreditar que as crianças aprendem quando imaginam e aprendem quando imitam. É perceber as diferentes formas de linguagens que podem fazer parte deste momento, como a escrita, a plástica, o corpo e a linguagem, entre tantas outras que podemos descobrir. Podemos seguir, assim, a concepção de Teatro trazida por Japiassu (2001, p. 22):

Importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisual, musicais e linguísticos em sua especialidade estética, o teatro passou a ser conhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana.

O teatro do oprimido (T.O.), desenvolvido por Augusto Boal (1980), além de possibilitar todos esses aspectos e linguagens também trabalha com a relação Opressor/Oprimido e com os temas que podem se articular a esta relação. T.O. é um molde de educação popular, o qual consegue relacionar e trabalhar questões do cotidiano a fim de possibilitar uma reflexão sobre o problema envolvido e sobre as relações opressor/oprimido presentes na cultura deste grupo de pessoas envolvidas no teatro. Para o autor, o T.O. “é uma forma de manifestação de teatro popular. O Teatro do Oprimido não é o teatro para o oprimido: é o teatro dele mesmo”, assim, é uma oportunidade das crianças viverem e refletirem sobre os seus próprios conflitos e juntas refletirem como os solucionarem por meio de uma junção de ideias construídas coletivamente.

A técnica teatral acontece por temas pensados a partir das representações de opressor e oprimido do espaço educacional, o que torna possível trabalhar as diferentes emoções que aparecem nesse contexto e compreender a visão que as crianças têm daqueles que as deixam inseguras. É uma maneira de colocar os próprios oprimidos no lugar dos opressores e construir os sentimentos envolvidos nesse contexto, de modo que estas crianças, ao fazerem parte de um modelo Educacional Tradicionalista e fundamentalista, sempre aparecerão como oprimidas enquanto os adultos acabam por demonstrar posturas opressoras.

O T.O. tem aproximação clara com a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, assim sendo, seus objetivos estão muito próximos da Educação que acreditava Paulo Freire, tendo objetivos relacionados a dar vez e voz aos oprimidos. Neste teatro as crianças tornam-se protagonistas a partir do momento que deixam de ser espectadores passivos. O T.O. também visa trabalhar com problemas atuais para preparar o indivíduo para situações futuras, assim, ele não se prende a discutir o passado, à transformação do indivíduo e a educação para a cidadania é o foco principal da proposta teatral.

Segundo Boal (1980) o teatro possui o potencial transformador social e educativo para a libertação, assim pensamos a criança que muitas vezes se sente oprimida por um mundo de regras, as quais ela não foi instigada a entendê-las para poder cumpri-las. No caso, uma educação que permita ver o sentido que há nestas regras e contratos sociais que fazemos diariamente, tornando uma experiência significativa e não encarada como uma forma de opressão. A criança, a partir da regulação de suas emoções e do reconhecimento delas, vive neste modelo de teatro uma sensação de liberdade.

Boal (1980) ainda complementa que o T.O., na busca pela transi-tividade, acaba por criar diálogos, uma vez que o espectador é interrogado convidado a responder tal indagação. Assim ele é uma potencia educativa que busca transformar por meio da criação, do ensino e da aprendizagem. Sendo através destes princípios pelos quais ele é regido, que procuramos relacioná-lo com o processo de educação emocional do sujeito.

Assim, o papel de oprimido aproxima-se da condição do estudante dentro da sala de aula e no próprio ambiente escolar em si. Onde um personagem oprimido, leva os problemas, anseios e dificuldades encontradas no espaço escolar para o restante do grupo. Boal (1980) considera o teatro como ação, na qual os diferentes personagens interagem seus diversos querer e assim constituem um conflito dramático.

A partir de reflexões a respeito das características do teatro, podemos observar que este trabalha de modo direto com as emoções. Ao teatralizar os conflitos do cotidiano, observamos cada emoção e como estas aparecem no comportamento de cada pessoa, assim como as possíveis maneiras de administrá-las. Deste modo, as crianças reconhecem no outro os sentimentos que vivenciam particularmente e estudam sugestões de como lidar com eles.

Deste modo, o T.O. contribui para uma visão de educação em que o conhecimento tem base fundante no percurso de socialização que desenvolvemos nos grupos que estamos inseridos, compartilhando experiências e saberes potencializam a educação das emoções. Como Morin (2000) considera, a ação educativa mediada pelo professor e a escola, passa a funcionar como o lugar onde os saberes e sentidos se cruzam, contribuindo para a valorização do sujeito em si, e das experiências que ele vive no agora, afastando a cultura que leva para o espaço escolar apenas contos infantis, que muitas vezes apresentam características de culturas distantes da realidade do aluno, não tornando significativa a experiência relatada.

### **Considerações Finais**

O cotidiano escolar, por ser um espaço de convívio comum, onde estão pessoas de diferentes conjunturas, sejam elas: sociais, religiosas e/ou culturais, acabam sendo palco de conflitos que servem como impulso para que diversas emoções se manifestem, as quais, quando são trabalhadas, demonstram uma valorização da essência sensível do ser humano e contribuem para o encontro de si mesmo. Entendemos como fundamental a necessidade do lúdico estar interligado à educação das emoções, uma vez que seu potencial se fundamenta na sensibilidade necessária para compreender as vivências conflituosas que surgem, naturalmente, no convívio entre as pessoas.

Frente à heterogeneidade que emerge na contemporaneidade, a presença do T.O. na escola é um modo de estimular as crianças a refletirem sobre os problemas que aparecem pela falta de controle das emoções. Nesse sentido, valoriza a dimensão sensível do estado humano, de modo a despertar outras visões sobre si mesmo e o mundo, fundamentando novas práticas dentro da sociedade em si e do espaço escolar, além de remeter a considerar os fatores que corroboram para que ocorra a formação integral do ser humano.

Chegamos, assim, a uma reflexão que vê no lúdico uma potência educacional estética libertadora das crianças na interseção do T.O. com a Educação Emocional. Dessa forma é possível organizar os conhecimentos e permitir às crianças refletirem para encontrar um comportamento que melhor se relacione as suas necessidades, exercendo a criatividade diante de situações que necessitem de solução, enxergando a partir de experiências passadas.

Esta proposta de teatro estimula a imaginação, a fantasia e a auto-expressão, possibilitando liberdade às crianças por meio dos estímulos que ela recebe, relaciona com seus entendimentos peculiares, permitindo que se torne um ser participante dentro da sociedade. Assim, a criança não se sentirá mais aprisionada em uma sala e em um estado de espírito repressivo por noções exclusivas e dualistas de visão de mundo, o que contribui para um estado de emancipação.

Educar na sociedade contemporânea, pensar na educação contemporânea é estar diretamente relacionado à necessidade de mudanças. Seu foco não está em transmitir conteúdos práticos que foram inseridos de maneira “seca” para serem trabalhados de forma engessada, mas sim, em resgatar a sensibilidade humana e, assim, atingir sentimentos profundos que libertem a mente de maneira tal que possam desencadear os processos de mudanças necessários à construção de uma cultura de paz.

Compreendemos, a partir da realização do presente trabalho, que pensar o lúdico como educação libertadora desenvolvida por meio do T.O. é uma saída diante do cenário negativo que vem se agravando e se tornando cada dia mais presente nas escolas. Estas, ao confundirem as pessoas com números e sentimentos com notas, afastam a dimensão sensível e, conseqüentemente, deixam de considerar as emoções. Concluimos que a educação também deve ser responsável por administrar saberes que permitam ao indivíduo viver em sociedade de maneira responsável, pacífica e equilibrada. Que não eleve um princípio ou ideologia acima de outro, mas sim que consiga estabelecer harmonia entre as emoções que surgem dos desencontros destes.

Perceber como a visão de mundo pode ser construída a partir da ludicidade, de modo a ser transformadora no processo de identificação da própria humanização do ser, de como ele enxerga e se relaciona com o mundo, é algo a ser pensado e vivido na cultura da escola. Trata-se de um novo olhar voltado ao enfrentamento do problema da desumanização humana. Logo, concluimos que o corpo e o meio no qual estamos inseridos, a infância e a cultura adulta, devem fazer parte de um só mundo. A Educação Emocional deve ser visibilizada e colocada em um patamar de igualdade com o conhecimento intelectual, pois só o homem, em estado de paz interior, que não está em guerra com si mesmo, é capaz de relacionar-se com outros de maneira saudável e verdadeiramente equilibrada.

## Referências

ALZINA, R. B.; GONZÁLEZ, J. C. P.; NAVARRO, E. G. **Inteligencia emocional en educación**. 2015. Madrid: Editorial Síntesis, 2015.

ARAUJO, M. A. L. Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno educar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v. 25, n.2, p.199-222. ago. 2009.

BENEVIDES, M. V. **Educação em Direitos Humanos**: de que se trata? São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit6/victoria.htm>. Acesso 28 Abr 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CASSASUS, J. **Fundamento da Educação Emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

DIAS, K. S. Formação estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, S.; GUIMARAES, D.; NUNES, M. F. R.; LEITE, M. I. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papirus, 1999, p. 175-201.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino do teatro**. Campinas: Papirus, 2001.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordada psicopedagogia. Clínica da criança e sua família. Porto alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

LARA, T. A. Educação corpo inteiro. **Ensino Em-Revista**. Uberlândia, v.17, n.1, p.203-218, jan/jun. 2010.

MALUF, Â. C. M. **Atividades lúdicas para educação infantil**. Conceitos, orientações e práticas. Petrópolis, Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Brincar prazer e aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Título original: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Tradução Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ROUSSEAU, J. **Emílio, ou Da Educação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, J.O. **Educação emocional na escola: a emoção na sala de aula**. Salvador: Faculdade Castro Alves, 2000.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SILVEIRA, M.G. et al. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos Teórico-Metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.  
SCHILLER, F. **A educação estética do Homem**. Trad. Roberto Schwarz; Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Kallias ou sobre a Beleza**. Tradução de Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SUZUKI, M. Prefácio. In: SCHILLER, F. **A educação estética do Homem**. Trad. Roberto Schwarz; Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.

Recebido em: julho/2018

Aprovado em: setembro/2018